

Uma corporação pode ser considerada uma cooperativa que emprega componentes humanos para seu funcionamento. Uma corporação ao ser criada parte-se do pressuposto que sua criação é para formação de riqueza e geração de bem estar ao humano.

As corporações em sua essência para poder atingir seus objetivos de gerar riqueza a seus acionistas. Além disso, as corporações vivem em um ambiente hostil a sua existência e travando disputas jurídicas, porque faz mal aos seres humanos, aos animais, ao meio ambiente e não é condescendente com seus empregados. Claro que as corporações são monstruosas, porém existe um relacionamento de vantagens entre a sociedade, o Estado e as corporações que nunca deixará de existir, pois cada um depende do outro para existir. Portanto, deve haver limites para as corporações e estes limites têm que ser impostos pelo mercado, através da bolsa de valores, e pela sociedade, através do consumo consciente. O que podemos verificar nessas criações é a exploração do homem pelo próprio homem, ou seja, o conceito da mais valia é amplamente utilizado, onde um ser humano para subsistir troca sua mão de obra, por intermédio do seu conhecimento, pelos valores necessários à sua existência e de sua família.

Outro tema é a avaliação da corporação como uma "personalidade", como se fosse um ser humano, comparando o perfil de negócios rentáveis das corporações ao diagnóstico clínico de um psicopata, ou seja, um insensível desrespeito para os sentimentos de outras pessoas, o desrespeito pela segurança de outras pessoas, a incapacidade de manter relacionamentos humanos, a incapacidade de experimentar culpa, a falta de conformidade para as regras e normas sociais e continuamente mentindo visando o lucro.

O poder e as regras que regem o funcionamento da sociedade como um todo, estão muito além da compreensão do cidadão comum, impondo ao mesmo uma completa alienação sobre os rumos das coisas que afetam a sua vida cotidiana. Vivemos um inconsciente coletivo